

Sexta-feira 15/07/2016

PARA DAR O EXEMPLO

LARISSA BASTOS
REPÓRTER

Antônia Marina Aparecida de Paula Faleiros foi a primeira filha de uma seqüência de cinco. De família pobre, começou a trabalhar logo cedo, "desde que se entende por gente". Primeiro ajudando nas tarefas do lar e depois para contribuir no sustento da casa. Cortou cana, trabalhou de empregada doméstica, dormiu em ponto de ônibus. Até que a vida deu uma virada e a menina do interior de Minas Gerais virou juíza.

A história inspiradora ela mesma vem contar por aqui, em um dos eventos que antecedem a Festa de Literatura da Periferia, a Flup, que será realizada de 15 a 18 de setembro, na Escola Estadual Miran Marroquim, na comunidade de Piabas, no bairro do Jacintinho. Mas, antes disso, o evento realiza uma série de atividades itinerantes e é aí que entra Antônia Marina Faleiros.

Ela chega em Maceió hoje, 15, para uma palestra às 10h, também na Escola Miran Marroquim, voltada para a comunidade escolar e para moradores do bairro, além de demais interessados. Na capital alagoana, ela vai falar sobre a própria vida: "A empregada doméstica brasileira que usou livros achados no lixo para se tornar juíza". E foi isso mesmo que aconteceu.

Atualmente magistrada da comarca de Lauro de Freitas, na Bahia, ela precisou batalhar bastante para conseguir isso. A começar pelo canavia, onde, apesar das condições, já era focada nos estudos. "Maus-tratos físicos, propositivamente, não sofri. Mas houve algumas situações curiosas, como por exemplo estudar à luz de lamparina e derrubá-la, incendiando a barraca de palha que servia de alojamento".

Na quarta série, porém, teve que deixar a escola. Ela tinha 14 anos e na cidade-natal, Serra Azul de Minas, no Vale do Jequitinhonha, não havia como prosseguir os estudos, já que no local não eram oferecidas as classes seguintes. Isso foi ainda em 1974 e Antônia Marina Faleiros teve que ficar longe das salas de aula até 1976, quando a quinta série finalmente passou a ser oferecida pelo município.

Depois de concluir o primeiro grau, ela decide que é hora de se mudar para a cidade vizinha, Serro, para cursar o segundo. Como só havia colégio particular, deu aulas de reforço, trabalhou como empregada doméstica e até nos serviços gerais da própria unidade de ensino em troca de cama e comida. Após não conseguir emprego na região, era hora de mais uma mudança.

Pegou carona com um tio e foi parar em Belo Horizonte, onde por um período morou na casa de familiares. Nessa época, arrumou mais um trabalho como doméstica, mas, depois de um certo tempo recebeu a notícia de que não poderia ficar mais com os parentes. E nem com a patroa. Foi quando passou a dormir diariamente em um dos pontos de ônibus da cidade.

"Trabalhava de doméstica e a patroa não queria empregada que dormisse no emprego. Para não ter que voltar para o interior, eu não contei para a patroa que tinha saído da casa dos parentes e para os parentes eu disse que havia me mudado para a casa da patroa. Na verdade, eu passava as noites no ponto de ônibus", lembra ela, que nunca contou para a mãe a situação pela qual passava.

Dormir nessas condições, Antônia recorda, era difícil. Mas o movimento no local ajudava a ter me-

nos medo. "Era bem movimentado tanto pela quantidade de ônibus que ali faziam paradas como também porque era na porta da loja central da companhia telefônica [Telemig], onde na época as pessoas iam fazer ligações interurbanas após 23h - eu acho - por conta das tarifas mais baixas".

Foram sete meses assim, até que uma senhora a convidou para ficar na casa dela. Nos finais de semana ia visitar alguns familiares e um dia viu o anúncio de um cursinho preparatório para concursos. Ela percebeu que não tinha dinheiro para a matrícula ou as apostilas, mas resolveu recolher as folhas descartadas do mimeógrafo pela secretária do estabelecimento.

"Enquanto esperava na recepção, observei a secretária descartar algumas folhas borradas do mimeógrafo e por curiosidade vi que algumas eram das matérias do concurso [para o Tribunal de Justiça de Minas]. Peguei algumas e nos dias seguintes retornei para pegar outras. Hoje, acredito que a secretária tenha notado que eu estava coletando as folhas descartadas, pois com o passar do tempo as folhas começaram a ser colocadas em uma lixeira separada dos restos de alimentos, por exemplo. Eram folhas borradas, mas com um pouco de esforço e paciência, foi possível compreender os textos".

Estudou e foi aprovada para o cargo de oficial de justiça. Tinha 21 anos, mas decidiu não parar por aí. Em 1986 entrou para o curso de Direito. "Minha mãe morreu dois meses depois da minha colação de grau. Meu pai viveu um pouco mais e pode me ver formada e já exercendo a profissão. Ambos já são mortos. Tenho irmãos e sobrinhos que amo muito e que vibram a cada

conquista minha", afirma.

Depois de se formar, montou um escritório de advocacia e chegou a ser procuradora do município de Belo Horizonte. Passou no primeiro concurso para juíza, no Acre, mas preferiu não assumir para que a irmã não largasse os estudos na faculdade de Farmácia. Um tempo depois passou para o mesmo cargo no Tribunal de Justiça da Bahia, para onde se mudou em 2003. E é lá que ela desenvolve diversos trabalhos sociais, como o projeto com crianças nos lixões de Itabuna e Lauro de Freitas.

"Sempre digo que sou idealista por natureza e em razão disso estou sempre metida em algum projeto social. Alguns tiveram maior visibilidade. Outros se restringiram aos interesses diretos. Sempre procuro pautar minha atuação por um profundo respeito às comunidades envolvidas de modo a estimular, ao máximo, o surgimento de lideranças locais ao invés de impor a eles 'a minha verdade ou as minhas vivências'".

Ela, porém, que não quer se acomodar. "Recentemente concluí o Mestrado em Segurança Pública, Justiça e Cidadania pela UFBA [Universidade Federal da Bahia] e minha dissertação abordou a atuação da mídia na cobertura dos casos judiciais e seus impactos na vida e na saúde dos magistrados. Pretendo me aprofundar no tema. Tenho também muita preocupação com as pessoas em situação de rua. Precisamos repensar a forma de ocupação dos espaços públicos urbanos", expõe.

E Antônia Faleiros diz que é tudo isso o que pretende compartilhar aqui, suas "vivências e experiências", além de "também ouvir os presentes sobre suas histórias e expectativas". Ela conta ter ficado honrada com o convite pa-

ra a Flup. Fiquei muito feliz por ter sido agraciada com o convite para participar de um evento tão especial. Os saberes compartilhados se multiplicam. Socializar os saberes me faz pensar na construção de uma sociedade de justiça e solidariedade".

A juíza também destaca que sempre gostou de estudar. "Sempre. Muito. Minha mãe também teve muita influência no meu gosto pelos estudos, pois ela fazia questão de ressaltar a importância dos estudos na vida das pessoas", ressalta. E que o exemplo possa ser repassado por aqui. ●

A Flup

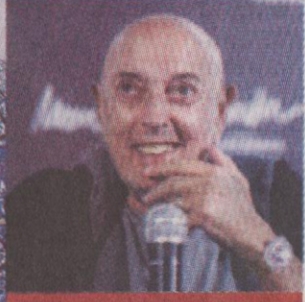
A 1ª Festa de Literatura da Periferia de Maceió - Flup 2016 se realiza entre os dias 15 e 18 de setembro, na Escola Estadual Miran Marroquim. Na programação, recitais, literatura, palestras, diversas oficinas e mini-cursos discutindo diversos temas, mas principalmente o processo de formação de autores e leitores na capital alagoana. Além do Jacintinho, a feira chega também aos bairros do Benedito Bentes, Vergel do Lago, Tabuleiro dos Martins e Cidade Universitária por meio da "Flup Itinerante", que leva para outras comunidades, nos meses de julho e agosto, um pouco da programação de setembro. A festa que percorre a cidade vai contar ainda com a exposição do livro: 'Habitat, campo e mercado editorial: a construção do prestígio da obra de Graciliano Ramos', de Cosme Rogério, lançado em 2015 pela Editora da Universidade Federal de Alagoas (Edufal).

Festa de Literatura da Periferia. Antes disso, porém, o evento faz uma série de atividades itinerantes e, entre eles, a palestra da juíza Antônia Faleiros, que conseguiu superar as dificuldades da vida estudando com folhas que achava no lixo

FELIPE BRASIL



Banda Troco em Bala faz show ao lado dos músicos da Milkshakes. B2



Cinema se despede de Hector Babenco, diretor de Pixote e Carandiru. B5